

MATERIAL DE APOIO

LITERATURA
INFANTOJUVENIL NOS TRÊS
NÍVEIS:
ORAL, ESCRITA E VISUAL

Elaboração e Coordenação:

Rebeca Gelse Rodrigues

Totalizando 6 horas/aula

Chave do Tamanho- Monteiro Lobato

8

MONTEIRO LOBATO

pontado, tirando depressa o dedo do nariz.

— Mas o Sol — continuou Emília — não põe cartola na cabeça, nem tem o péssimo costume de tirar ouro do nariz.

— É um modo de dizer, já expliquei — repetiu Dona Benta.

— Estou vendo que tudo que a gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são *pequenas mentiras* — e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem, senão mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:

Andrada! Arranca esse pendão dos ares!

Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Tudo mentira. Como é que esse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares, e ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha. E como é que esse poeta, um soldado raso, se atreve a dar ordens a Colombo, um almirante? E como é que manda Colombo fechar a "porta" dos "teus" mares, se o mar não tem porta e Colombo nunca teve mares — quem tem mares é a Terra?

Dona Benta suspirou.

— Modos de dizer, Emília. Sem esses modos de dizer, aos quais chamamos "imagens poéticas", Castro Alves não podia fazer versos.

— Mas é ou não é mentira?

Dona Benta ia abrindo a boca para a resposta, quando um homem a cavalo apontou na curva da estrada. Era o estafeta que, um dia sim, um dia não, portava ali para entregar a correspondência. Todos tiraram os olhos do pôr do sol para pô-los no estafeta.

O homem chegou. Deu boa tarde. Apeou com ar de eterno descadeirado e abriu o encardido saco de lona para

tirar os jornais de Dona Benta.

— Há também uma carta para o Sr. Visconde de Sabugosa — disse ele entregando o pacote.

Emília atirou-se para cima da carta como um gato se atira a uma cabeça de sardinha, e arrancou-a das mãos de Dona Benta, como o poeta queria que o Andrada arrancasse a bandeira dos ares.

— Deve ser resposta a uma consulta que fiz sobre as vitaminas do pó de pir-limpimpim — explicou modestamente o Visconde, enquanto Emília se preparava para rasgar o envelope e Pedrinho suspirava pelo bodoque.

— Não abra, Emília! — gritou Narizinho. — Vovó já disse que o sigilo da correspondência é inviolável. Carta é uma coisa sagrada. Só o destinatário pode abri-la.

Emília fez um muxoxo de pouco caso e enfiou a carta no nariz do Visconde, dizendo:

— Coma, beba o seu sigilo.

Enquanto isso, Pedrinho desdobrava o jornal e lia os enormes títulos e subtítulos da guerra.

— Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteiros inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça.

O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la.

— Não fique assim, vovó. A coisa foi em Londres, muito longe daqui.

— Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversida-

de tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos.

Aquela tristeza de Dona Beñta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente essa tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. Emília jurara consigo mesma que daria cabo da guerra e cumpriu o juramento — mas por um triz não acabou também com a humanidade inteira.

Na noite daquele dia, em sua caminhada de paina, ela perdeu o sono. Quem entrasse em sua cabeça leria um pensamento assim: "Esta guerra já está durando demais, e se *eu* não fizer qualquer coisa os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tomar uma pitada do superpó que o Visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves. Porque há de haver uma Casa das Chaves, com chaves que regulem todas as coisas deste mundo, como as chaves da eletricidade no corredor regulam todas as lâmpadas duma casa."

O Visconde, de fato, andava estudando um misterioso superpó, capaz de maravilhas ainda maiores que o velho pó de pirlimpimpim; por isso passava as noites em claro e até recebia cartas científicas do estrangeiro. Mas naquela noite Emília ouviu uns ronquinhos. "Será o Visconde?" — disse ela — e foi ver. Era o Visconde, sim, que, depois de noites e noites passadas em claro, dormia um

sono de Rabicó. "Se ele está ferrado no sono a ponto de roncar" — pensou Emília, "é que já resolveu o problema do superpó. Ronco de sábio quer dizer cabeça fresca, invenção já inventada."

Pensando assim, Emília foi pé ante pé ao laboratorinho do Visconde e remexeu tudo até encontrar numa pequena caixa de fósforos uma substância parecida com cinza. Cheirou-a. Lembrava o cheiro do pó de pirlimpimpim. "Deve ser isto mesmo" — disse ela — e corajosamente tomou uma pitada.

II

A Chave do Tamanho

Fiunnn!!!

Quando Emília abriu os olhos e foi lentamente voltando da tonteira, deu consigo num lugar nebuloso, assim com ar de madrugada. Não enxergou árvores, nem montanhas nem coisa nenhuma — só havia lá longe um misterioso casarão.

— Isto deve ser o Fim do Mundo, e aquela casa só pode ser a Casa das Chaves. Que pó certo o do Visconde!

Ergueu-se, ainda tonta, e aproximou-se do casarão. Certo! Um grande letreiro na fachada dizia simplesmente isto: "CASA DAS CHAVES." Emília esteve algum tempo de nariz para o ar, com os olhos naquelas estranhas letras de luz. Viu uma porta aberta. Enchendo-se de coragem, entrou. Não havia coisas lá dentro, objeto nenhum, nem máquinas. Só aquele mesmo nevoeiro de lá fora, mas numa espécie de parede distinguiu um correr de chaves como as da eletricidade, todas erguidas para cima.

— Hão de ser as chaves que regulam e graduam todas as coisas do mundo — pensou Emília. — Uma delas, portanto, é a chave que abre e fecha as guerras. Mas qual?

Emília segurou o queixo, a refletir. Pensou com toda a força. Não havia di-

ferença entre as chaves. Todas iguaizinhas. Nada de letreiros ou números. Como saber qual a chave da guerra?

— A única solução é aplicar o método experimental que o Visconde usa em seu laboratório. É ir mexendo nas chaves, uma a uma, até dar com a da guerra.

Mas as chaves ficavam numa fileira a oito palmos do chão, fora, pois, do alcance duma criaturinha de apenas dois palmos de altura. Como alcançar as chaves?

Emília correu os olhos em redor. Não viu nenhuma escada nem cadeira, nem caixão em que pudesse trepar. Não havia sequer uma vara. O remédio seria recorrer novamente ao superpó. "Se eu cheirar a metade do menor dos grãozinhos trazidos nesta caixa, subo até lá e agarro-me a qualquer das chaves."

E assim fez. Escolheu o grãozinho de pó menor de todos, partiu-o ao meio e aspirou metade. Deu certo. Bastou o cheiro daquela isca de superpó para erguê-la até às chaves, permitindo-lhe pendurar-se numa. Nem precisou fazer força. Bastou o seu peso para que a chave descesse quase até o fim.

Mas o que aconteceu foi a coisa mais imprevista do mundo. Tudo se transformou diante de seus olhos, e um pano enorme, como o toldo dum circo de cavalinhos, desabou sobre ela. Emília sentiu-se rodeada de pano; o chão era de pano; por cima só havia pano; dos lados, pano, pano e mais pano. E com o peso de tanto pano ela nem podia conservar-se de pé. Ficou deitadinha, como achatada. Mas era preciso sair dali ou pelo menos fazer esforços para sair, porque já estava sentindo falta de ar. E começou a engatinhar debaixo da panaria, numa cega tentativa de fuga. As dobras eram muitas, de modo que a cada momento, tinha de fazer rodeios para poder avançar. E foi engatinhando, flanqueando as dobras atrapalhadoras; às vezes até ficava de pé, quando uma dobra maior lhe dava espaço. Emília lembrou-se do Labirinto de Creta, onde morava o Minotauro. É

escuro ali dentro. Nem ao menos aquela penumbra de madrugada de lá fora. Emília teve a impressão de haver passado um século naquele engatinhamento labiríntico. Por fim divisou em certa direção uma claridade. "Deve ser ali a banha ou fim deste maldito pano", pensou ela, e para lá se arrastou. Era de fato a banha — e Emília já quase sem fôlego, lavada em suor, saiu do labirinto e caiu exausta no chão, com um *Uf!*

Ficou algum tempo deitada de costas, os braços estendidos, sem pensar em coisa nenhuma. Primeiro descansar; depois o resto. Ergueu os olhos para as chaves da parede. Não viu na parede chave nenhuma. "Que história é esta? Será que as chaves se evaporaram?" Firmando a vista, verificou que não. As chaves lá estavam, mas em ponto muitíssimo mais alto. A parede crescera tremendamente. Parecia não ter fim. Tudo aumentara dum modo prodigioso. E no chão viu uma coisa nova, que não existia antes; um pedestal atapetado de papel amarelo.

Emília achava-se deitada justamente sobre esse pedestal. Depois, olhando para o seu corpinho, verificou que estava nua.

— Que história é esta? Eu, nua que nem minhoca, em cima deste pedestal amarelo cheio de riscos pretos, ao lado duma montanha de pano — e as chaves lá em cima — e tudo enormíssimo... Será que estou sonhando?

Pôs-se a pensar com toda a força. Examinou o tapete do pedestal. Percebeu que os riscos eram letras e teve de ficar de pé para lê-las uma por uma. A primeira era um F; a segunda, um O; a terceira um S. Chegando à última, viu que formava a palavra FÓSFOROS. Em seguida vinha um D e um E, formando a palavra DE. E as últimas letras formavam a palavra SEGURANÇA. Tudo reunido dava a expressão FÓSFOROS DE SEGURANÇA.

— Será possível? — exclamou Emília consigo mesma. — Será que estou em cima da maior caixa de fósforos que ja-

mais houve no mundo? Mas se é assim, então cada pau de fósforo deve ser uma verdadeira vigota de pinho — e como a caixa estivesse aberta, espiou. Não viu lá dentro vigota nenhuma, sim uma espécie de areia grossa, da cor exata do superpó do Visconde.

Nesse momento um raio de luz iluminou-lhe o cérebro.

— Hum! Já sei. Isto é a caixa de fósforos que eu trouxe e está do tamanho que sempre foi. Eu é que diminuí. Fiquei pequeníssima; e, como estou pequeníssima, todas as coisas me parecem tremendamente grandes. Aconteceu-me o que às vezes acontecia a Alice no País das Maravilhas. Ora ficava enorme a ponto de não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. Eu fiquei pequenininha. Por quê?

E pôs-se a pensar mais forte ainda.

— Só pode ser por uma coisa: por causa da descida da chave. Logo, aquela chave é a que regula o meu tamanho. Regula só o meu tamanho, ou regula o tamanho de todas as criaturas vivas? Regula o tamanho de todas as criaturas vivas, ou só o das criaturas humanas? Quantos problemas, meu Deus!

Pensou, pensou.

— Se todas as criaturas ficaram pequeninas como eu fiquei, então o mundo inteiro deve estar na maior atrapalhão e com as cabeças tão transtornadas quanto a minha. Mas a guerra acabou! Ah, isso acabou! Pequeninos como eu, os homens não podem mais matar-se uns aos outros, nem lidar com aquelas terríveis armas de aço. O mais que poderão fazer é cutucar-se com alfinetes ou espinhos. Já é uma grande coisa...

Pensou, pensou, pensou.

— Sim, eu mexi na Chave do Tamanho e todas as criaturas vivas ficaram pequenas porque seria absurdo haver uma chave só para minha pessoa. Se houvesse uma chave para cada pessoa, nesta sala deviam existir três bilhões e meio de chaves, porque a população do mundo é

de três bilhões e meio de pessoas. Logo, a mesma chave serve para todas as pessoas. Logo, toda a humanidade está "reduzida" — e impedida de fazer guerra. Ufl! Acabei com a guerra! Viva! Viva!...

Pensou, pensou, pensou.

— A prova de que essa chave só regula o tamanho das criaturas vivas, está aqui nesta caixa de fósforos. Se esta caixa de fósforos também tivesse diminuído, estaria proporcional ao meu corpo, e não imensa como está.

A situação era tão nova que as suas velhas idéias não serviam mais. Emília compreendeu um ponto que Dona Benta havia explicado, isto é, que *nossas idéias são filhas de nossa experiência*. Ora, a mudança do tamanho da humanidade vinha tornar as idéias tão inúteis como um tostão furado. A idéia duma caixa de fósforos, por exemplo, era a idéia duma coisinha que os homens carregavam no bolso. Mas com as criaturas diminuídas a ponto duma caixa de fósforos ficar do tamanho dum pedestal de estátua, a "idéia-de-caixa-de-fósforos" já não vale coisa nenhuma. A "idéia-de-leão" era a dum terrível e perigosíssimo animal, comedor de gente; e a "idéia-de-pinto" era a dum bichinho inofensivo. Agora é o contrário. O perigoso é o pinto.

Emília sentiu um friozinho no coração. Começou a desconfiar que havia feito uma coisa tremenda, a coisa mais tremenda jamais acontecida no mundo.

Pensou, pensou, pensou. Depois resolveu calcular que tamanho teria.

— Posso calcular o meu tamanho por comparação com as letras da palavra FÓSFOROS. Essas letras tinham um terço de centímetro no tempo em que eu tinha 40. Ora, se eu tinha 40 centímetros, era 120 vezes maior que um terço de centímetro. E agora? Qual o meu tamanho em relação a essas letras?

Para fazer a medição, Emília deitou-se sobre o F, e viu que aquele F tinha um terço da sua altura. Logo, ela estava re-

Folha 1 Fábulas- Monteiro Lobato

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou, e disse a Emília, que andava rondando por ali:

— Vá perguntar a vovó o que quer dizer *folclore*.

— Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor.

Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-bo-neca.

— Emilinha do coração — disse ele — faça-me o maravilhoso favor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra *folclore*, sim, teteia?

Emília foi e voltou com a resposta.

— Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho?

O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse:

— Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

Emília arregalou os olhos.

— Não está má a idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

— As negras velhas — disse Pedrinho — são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias. Quem sabe se tia Nastácia não é uma segunda tia Esméria?

Foi assim que nasceram as Histórias de Tia Nastácia.

O pulo do gato

A onça pediu ao gato que lhe ensinasse a pular, porque o maior mestre de pulos que há no mundo é o gato. O gato ensinou uma, duas, três, dez, vinte qualidades de pulos. A onça aprendeu todos com

a maior rapidez e depois convidou o gato para irem juntos ao bebedouro, isto é, ao lugar no rio onde os animais descem para beber.

Lá viram um lagarto dormindo em cima duma pedra.

— Compadre gato — disse a onça — vamos ver quem dum pulo pega aquele lagarto.

— Pois vamos — respondeu o gato.

— Então comece.

O gato saltou em cima do lagarto e a onça saltou em cima do gato — mas este deu um pulo de banda e se livrou da onça.

A onça ficou muito desapontada.

— Como é isso, compadre gato? Esse pulo você não me ensinou...

— Ah, ah, ah! — fez o gato de longe. — Isto é cá segredo meu que não ensino a ninguém. Chama-se o "pulo do gato" — meu, só meu. Os mestres que ensinam tudo quanto sabem não passam duns tolos. Adeus, comadre! — e lá se foi.

— Ah! — exclamou Pedrinho. — Agora estou compreendendo por que se fala tanto no "pulo do gato"...

— Mas pulam mesmo assim ou é história da história? — perguntou a menina.

— Não há pulo que os gatos não dêem — disse dona Benta. — É um bichinho maravilhoso. Já vi o Romão cair dum telhado altíssimo. Outro bicho qualquer se espatifaria. Romão, porém, deu uma volta no ar e caiu sobre as quatro patas — e lá se foi, ventando, sem que nada lhe acontecesse.

— Mas se o gato é da mesma família da onça — observou a menina — tudo o que o gato faz a onça também deve fazer.

— Sim, mas o gato é pequeno e portanto tem agilidade muito maior que a da onça. Quanto pesa um gato? Um quilo, apenas. E uma onça? Cem vezes mais. Natural, portanto, que por causa do peso maior a onça não seja capaz de fazer o que o gato faz.

— É verdade, vovó — perguntou Pedrinho — que os políticos espertos usam o pulo do gato?

Dona Benta suspirou.

— Os políticos matreiros, meus filhos, são os gatos da humanidade. Dão toda sorte de pulos — e sabem muito bem essa história de cair de pé. Há alguns entre nós que podem dar lições a todos os gatos do mundo...

Folha 2 Fábulas- Monteiro Lobato

Um lobo muito magro e faminto, todo pele e ossos, pôs-se um dia a filosofar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, de pêlo fino e lustroso.

Espicaçado pela fome, o lobo teve ímpeto de atirar-se a ele. A prudência, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: — "Cuidado! Quem se mete a lutar com um cão desses sai perdendo."

O lobo aproximou-se do cão com toda a cautela e disse:

— Bravos! Palavra de honra que nunca vi um cão mais gordo nem mais forte. Que pernas rijas, que pêlo macio! Vê-se que o amigo se trata...

— É verdade! — respondeu o cão. Confesso que tenho tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, suponho que você pode levar a mesma boa vida que levo.

— Como?

— Basta que abandone esse viver errante, esses hábitos selvagens e se civilize, como eu.

— Explique-me lá isso por miúdo, pediu o lobo com um brilho de esperança nos olhos.

— É fácil. Eu apresento você ao meu senhor. Ele, está claro, simpatiza-se e dá a você o mesmo tratamento que dá a mim: bons ossos de galinha, restos de carne, um canil com palha macia. Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmas das amigas, um nome.

— Aceito! — respondeu o lobo. Quem não deixará uma vida miserável como esta por uma de regalos assim?

— Em troca disso — continuou o cão — você guardará o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradará ao senhor e à sua família, sacudindo a cauda e lambendo a mão de todos.

— Fechado! — resolveu o lobo — e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho da casa. Logo, porém, notou que o cachorro estava de coleira.

— Que diabo é isso que você tem no pescoço?

— É a coleira.

— E para que serve?

— Para me prenderem à corrente.

— Então não é livre, não vai para onde quer, como eu?

— Nem sempre. Passo às vezes vários dias preso, conforme a veneta do meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem à hora certa?

O lobo entreparou, refletiu e disse:

— Sabe do que mais? Até logo! Prefiro viver magro e faminto, porém livre e dono do meu focinho, a viver gordo e liso como você, mas de coleira ao pescoço.

Fique-se lá com a sua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de lobo livre.

E afundou no mato.

— Fez muito bem! — berrou Emília. Isso de coleira o diabo queira...

Narizinho bateu palmas.

— E não é que ela fez um versinho, vovó?

"Isso de coleira, o diabo queira..." Bonito, hein?...

— Bonito e certo — continuou Emília. Eu sou como esse lobo. Ninguém me segura. Ninguém me bota coleira. Ninguém me governa. Ninguém me...

— Chega de "mes", Emília. Vovó está com cara de querer falar sobre a liberdade.

— Talvez não seja preciso, minha filha. Vocês sabem tão bem o que é liberdade que nunca me lembro de falar disso.

— Nada mais certo, vovó! — gritou Pedrinho. Este seu sítio é o suco da liberdade; e se eu fosse refazer a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Pica-pau Amarelo.

— Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundol

POEMA: QUADRILHA

Escrito por Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930

CONTO : AS BORBOLETAS COPULAM NO VOÔ

Escrito por Jorge Miguel Marinho, publicado em 1989

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

As borboletas copulam no vôo

Essa história não é bem uma história. São confissões de borboletas urbanas que andam voando por aí. É só dar uma olhada e lá estão elas aos pares, em turma ou mesmo sozinhas nos quatro cantos desse país de borboletas tropicais. Elas são fissuradas em borboletear. Sobrevoam à altitude dos quinze anos e já pensam em se casar.

Umas são borboletas femininas, outras são borboletas masculinas, todas elas brincam de fazer sexo explícito no ar.

Só o nome delas dá uma quadrilha armada de *skate* capaz de tirar faísca do asfalto ou até invadir o planalto central. João, Teresa, Raimundo, Maria, Joaquim, Lili e tantas mais. Uma borboleta que tivesse a cara-de-pau de se chamar J. Pinto Fernandes tinha mais é que se mandar porque isto aqui não é história e borboleta com nome de Pinto não tem nada que entrar. Qualé! Estamos ou não estamos numa república de borboletas jovens! Ponto final.

Um dia pode até acontecer um grande desastre amoroso entre elas. Algumas podem inventar de fazer guerrilha urbana, ir pros Estados Unidos ou até se suicidar. O que não está com nada é passar a vida em cima do muro, cai não cai.

Mas enquanto esse tempo não chega, elas brincam de esconde-esconde com seus pincéis coloridos no maior clima emocional.

É incrível como borboleta jovem faz e não faz amor no vôo. O macho pincela gostoso as anteninhas da fêmea. A fêmea dá uma de gostoso e faz pirueta no ar. É uma brincadeira que ata e desata, é uma transa de ir com tudo e não estar a fim. Jogo de esfrega-esfrega de pele, o desejo na portinha do desejo, e lá se foi mais um botão. Às vezes olho com olho, beijo de língua e depois *tchau* coração. Borboleta é amarrada no pique da sedução.

Mas dói, ah como dói gostoso quando pinta uma transa no ar.

Confissão do João

Gosto e acabou. Sou ligado na Teresa e fim. Só que ela mora no Campo Limpo, eu no Mandaqui. É muito pé na estrada pra ela me falar que sente muito mas não gosta de mim. Pelo menos não gosta do jeito que eu gosto que é com o maior tesão. Amigo o cacete, Teresa. Eu quero é me casar com você. No ano que vem, eu já vou ter título de eleitor, garota. É mole?, eu escolho o presidente que fica no planalto do caramba e não posso escolher você! Menina é broca mesmo. Por isso que tem tanto político nesse país. É mais fácil descolar uma grana em Brasília do que fazer a cabeça de uma mulher. Não entendo essa garota. É pobre, não tem pai, nem terminou o primeiro grau e fica se fazendo de doce comigo. E tem mais, é magra que nem dá pra encarar. Minha mãe é que tem mesmo razão quando ela me fala que eu tenho mais é que chupar um prego e me ferrar. Mas um dia eu me mando pros Estados Unidos e ela vai ver. Tiro uma fotografia pelado em cima da Estátua da Liberdade que vai sair em tudo que é jornal. S.O.S. Teresa, sobe aqui no alto e vem me pegar.

Confissão da Teresa

Raimundo ou João? É melhor eu dar uma de nem te ligo e continuar fazendo contatos a distância com os dois. E que o Raimundo é muito distraído, nunca se ligou que eu estou todinha na dele. E o João é igual a todo homem baixinho, só sabe dar uma de machão. Baixinho e machão, mas é ele que me dá uma secada de olho que eu perco a respiração. Imagina que outro dia eu pus uma calcinha de lycra e ele percebeu. É claro que ele não falou nada que ele nem é besta de falar. E gostoso mesmo é ficar se bicando de longe, sem essa de vir logo metendo a mão. Incrível é que eu gosto mesmo do Raimundo, mas sonho toda noite com o João. Já sonhei correndo dele num túnel que ia dar numa lagoa azul. Acordei toda molhada, acho que mergulhei fundo com o João. E teve aquele outro sonho, nós dois sentados na asa de um avião. Quando ele veio com aquela manha de pôr uma flor no peito, não teve outra — eu empurrei lá de cima o João. Respeito é bom e eu gosto. Uau! que coisa mais careta eu falei, pareço a minha mãe. Esquece, o meu tipo mesmo é o Raimundo,

é uma coisa de pele, falou? E depois ele já tem barba, calça 41 e está no colegial. Só que ele me trata como uma menina. E isso ele não faz com a Maria, que dá a maior esnobada nele porque o negócio dela é com o Joaquim. Também ela pode, né! Tem mais peito do que eu. Mas se eu sou chegada no Raimundo, por que eu sonho com o João? Ah, se eu pudesse pular amarelinha nas nuvens e transar a vida inteira com os dois!

Confissão do Raimundo

Maria, você é um avião. Que boca, que pernas, que mulher! No outro dia eu dei um malho nela e ela me deu um chute no meio das pernas que eu urrei. Fiquei sem voz, doeu pra caramba, mas eu gostei. A Maria dói gostoso, a Maria machuca bem. Quando ela me chama de panaca, eu fico tarado, meu. É a maior loucura. Um dia ela estava distraída e eu enfiei os três dedos na boca dela. Foi um barato — ela me mordeu com tudo e eu nem tirei a mão. A marca ainda está aqui, ó! É sinal de estimação. O que será que eu ia sentir se ela me chupasse a jugular? Acho que eu virava o maior vampiro da zona sul. Não dá outra, cara. A Maria está no meu sangue, essa mina entrou em mim. Só que ela me judia gostoso, mas na hora H ela me deixa na mão. Na mão mesmo, entendeu? Se eu pudesse, se desse mesmo, eu fazia a Maria agora. Não tem nada não. Um dia eu seqüestro a Maria direto pra Via-Láctea e vai ser a maior guerra de estrelas no espaço sideral.

Confissão da Maria

Eu tenho opinião, nem vem que não tem. Pensando o quê? Que eu nasci pra ser objeto sexual! Comigo é assim, escreveu-não-leu-pau-comeu. Veio com onda para cima de mim, vou dando porrada. É uma questão de nível, igual pra igual. Não tem nada que me deixe mais p. da vida do que ver uma garota se babando porque um carinha, muito do babaca, vem chegando numas de passar uma cantada. Assim, na maior. Acho o fim como elas são amarradas em motoqueiro de brinco mascando chiclete. É claro que eu gosto de uma paquera, mas tem que ser ali, com o maior sentimento, morou? Por isso que eu adoro levar o Joaquim na traseira da minha moto. Pena que ele é uma besta, tem medo de mim. É que esses caras morrem de medo de mulher liberada, assim feito eu. Fazer o quê? Tenho que pagar o preço da minha independência com a solidão. Pô, que frase! Quem foi que disse isso? Eu? Não interessa mais, agora a idéia é minha e acabou. O que eu preciso mesmo é dar uma brecada num sinal vermelho pra ver se esse broxa do Joaquim cai em cima de mim. Será que ele não se manca que se ele não pegar na minha cintura eu perco o equilíbrio e posso cair? E por que ele não aprende a guiar a minha moto e me leva pra lua? Ah, deixa pra lá.

Confissão do Joaquim

Passei água oxigenada no cabelo e nada. Vesti meu agasalho de couro com 38 graus de temperatura e nada. Decorei um poema do Carlos Drummond e nada. Será que a Lili é autista? Ela não dá a mínima pra mim. Acho que a Lili é burra. É, mulher burra não tem coração. Também eu fui inventar que vou fazer filosofia. Acho que ela está mais pra jogador de futebol. E se eu botar fogo na escola, será que...? Não, é melhor apagar a luz e pôr o travesseiro no meio das pernas. Quem não tem uma Lili, inventa uma, pô! Isto se chama lógica. Essa noite você não me escapa, Lili.

Confissão de Lili

Meu negócio é outro, nada a declarar.

Ficha de leitura

João borboleteava Teresa que borboleteava Raimundo que borboleteava Maria que borboleteava Joaquim que borboleteava Lili que nem chegou a borboletear.

* * *

Marcelo, Marmelo, Martelo
Ruth Rocha

Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

- Papai, por que é que a chuva cai?
- Mamãe, por que é que o mar não derrama?
- Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?

As pessoas grandes às vezes respondiam.

Às vezes, não sabiam como responder.

- Ah, Marcelo, sei lá.....

Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:

- Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?
- Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.
- E por que é que não escolheram martelo?
- Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta.....
- Por que é que não escolheram marmelo?
- Porque marmelo é nome de fruta, menino!
- E fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?

No dia seguinte, lá vinha ele outra vez:

- Papai, por que é que mesa chama mesa?
- Ah, Marcelo, vem do latim.
- Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?
- Não. Marcelo, latim é uma língua muito antiga.
- E por que é que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, na parede nome de bacalhau?
- Ai, meu Deus, este menino me deixa louco!

Daí a alguns dias, Marcelo estava jogando futebol com o pai:

- Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas. Por exemplo: por que é que bola chama bola?
- Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?
- Lembra, sim, mas..... e bolo?
- Bolo também é redondo, não é?
- Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado....

O pai de Marcelo ficou atrapalhado.

E Marcelo continuou pensando:

" Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim".

Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

- Mamãe, quer me passar o mexedor?
- Mexedor? Que é isso?
- Mexedorzinho, de mexer café.
- Ah...colherinha, você quer dizer.
- Papai, me dá o suco de vaca?
- Que é isso, menino!
- Suco de vaca, ora! Que está no suco-de-vaqueira.
- Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?

O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

- Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome por senão, ninguém se entende...

- Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?

- Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!

- Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?

O pai de Marcelo suspirou:

- Vá brincar, filho, tenho muito que fazer.....

Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes. E resolveu continuar a falar, à moda. Chegava em casa e dizia:

- Bom solário pra todos.....

O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada. E Marcelo continuava inventando:

- Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu possuidor ficou danado.

A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada. Conversou com o pai:

- Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com essa mania de inventar nomes para coisas.....Você já pensou, quando começarem as aulas? Esse menino vai dar trabalho.....

- Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa. Coisa de criança.....

Mas estava custando a passar.....

Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:

- Bom solário, bom lunário....- que era como ele chamava o dia e a noite.

E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.

Até que um dia.....

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que seu João tinha feito por ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo.

E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo. Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade foi aquele desastre!

Marcelo entrou em casa correndo:

- Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

O quê, menino? Não estou entendendo nada!

- A moradeira, papai, embrasou.....

- Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

- Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada.....

Quando seu João chegou a entender do que Marcelo estava falando, já era tarde.

A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas.

O Godofredo gania baixinho.....

E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

- Gente grande não entende nada de nada, mesmo!

Então a mãe de Marcelo olhou pro pai de Marcelo.

E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo.

E o pai do Marcelo falou:

- Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo.

E a Mãe do Marcelo disse:

- É sim! Toda branquinha, com a entradeira na frente e um cobridor bem vermelhinho.....

E agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem.

O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força pra entender o que fala.

E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam.....

O que os olhos não vêem Ruth Rocha

Havia uma vez um rei
num reino muito distante,
que vivia em seu palácio
com toda a corte reinante.
Reinar pra ele era fácil,
ele gostava bastante.
Mas um dia, coisa estranha!
Com tristeza do seu povo
nosso rei adoeceu.
De uma doença esquisita,
toda a gente, muito aflita,
de repente percebeu.....
Pessoas grandes e fortes
o rei enxergava bem.
Mas se falassem baixinho,
o rei não via ninguém.
Pequeno, seus funcionários
também de ser escolhidos
eram os grandes e falantes,
sempre muito bem nutridos.
Que tivessem muita força,
e que fossem bem nascidos.
E assim, quem fosse pequeno,
da voz fraca, mal vestido,
não conseguia ver visto.
E nunca, nunca era ouvido.
O rei não fazia nada
contra tal situação;
pois nem mesmo acreditava
nessa modificação.
E se não via os pequenos
e sua voz não escutava,
por mais que eles reclamassem
o rei nem mesmo notava.
E o pior é que a doença
num instante se espalhou.
Quem vivia junto ao rei
logo a doença pegou.
E os ministros e os soldados,
funcionários e agregados,
toda essa gente cegou.
De uma cegueira terrível,
que até parecia incrível
de um vivente acreditar,
que os mesmos olhos que viam
pessoas grandes e fortes,
às pessoas pequeninas
não podiam enxergar.
E se, no meio do povo,
nascia algum grandalhão,
era logo convidado
para ser o assistente
de algum grande figurão.
Ou senão, pra ter patente
de tenente ou capitão.
E logo que ele chegava,
no palácio se instalava;
e a doença, bem depressa,
no tal grandalhão pegava.
Todas aquelas pessoas,
com quem ele convivia,

que ele tão bem enxergava,
cuja voz tão bem ouvia,
como num encantamento,
ele agora não tomava
o menor conhecimento.....

Seria até engraçado
se não fosse muito triste;
como tanta coisa estranha
que por esse mundo existe.
E o povo desprezado.
pouco a pouco, lentamente.
Enquanto que o próprio rei
vivia muito contente;
pois o que os olhos não vêem
nosso coração não sente.
E o povo foi percebendo
que estava sendo esquecido;
que trabalhava bastante,
mas que nunca era atendido;
que por mais que se esforçasse
não era reconhecido.
Cada pessoa do povo
foi chegando à convicção
que eles mesmos é que tinham
que encontrar a solução
pra terminar a tragédia.
Pois quem monta na garupa
não pega nunca na rédia!
Eles então se juntaram,
discutiram, pelearam,
a chegaram à conclusão
que, se a voz de um era fraca,
juntando as vozes de todos
mais parecia um trovão.
E se todos, tão pequenos,
fizessem pernas de pau,
então ficariam grandes,
e no palácio real
seriam logo avistados,
ouviriam os seus brados,
seria como um sinal.
E todos juntos, unidos,
fazendo muito alarido
seguiram pra capital,
agora, todos bem altos
nas suas pernas de pau.
Enquanto isso, nosso rei
continuava contente.
Pois o que os olhos não vêem
nosso coração não sente.

Chapeuzinho Amarelo -Chico Buarque

Página 1

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo,
aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada
mas toesia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem de amarelinha.

Página 2

Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo de sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar,
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
Deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.

Página 3

ERA A CHAPEUZINHO AMARELO.

Página 4

E de todos os medos que tinha
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.

Página 5

Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cada vez mais medo
do medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Um LOBO que não existia.

Página 6

E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,
jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador,
rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu
de sobremesa.

Página 7

Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo,
o medo do medo do medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.

Página 8

O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco-azedo,
porque um lobo, tirado o medo,
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pêlo.
Lobo pelado.

Página 9

O lobo ficou chateado.

Página 10

E ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
Chapeuzinho, já meio enjoada,
com vontade de brincar
de outra coisa.

Ele então gritou bem forte
aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:

Página 11

LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO

Página 12

Ai,
Chapeuzinho encheu e disse:
“Pára assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!”
E o lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO.

~~É UM BO-LO~~

Um bolo de lobo fofo,
tremendo que nem pudim,
com medo de Chapeuzim.
Com medo de ser comido
com vela e tudo, inteirim.
LOBOLOBO

Página 13

Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva
nem foge de carrapato.
Caí, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepas em árvore, rouba fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.

Página 14

Mesmo quando está sozinha,
Inventa uma brincadeira.
E transforma com companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.

FIM

Página 15

Ah. Outros companheiros da Chapeuzinho
Amarelo: O Gãodra, O Jacoru, o Barão-Tu, o P
Bichôpa e todos os trosmons.

Uns dizem que esta história aconteceu há muitos e muitos anos, num país muito longe daqui. Outros garantem que não, que aconteceu há poucos e poucos dias, bem pertinho. Tem também quem jure que está acontecendo ainda, em algum lugar. E há até quem ache que ainda vai acontecer.

É que quando a História tem documento, papel escrito na época, coisas que deixam pista, dá para a gente ter mais ou menos certeza de como tudo se passou. É só ler os jornais daquele tempo, ou as cartas das pessoas, ou as ordens do rei, ou os tratados. Mas numa história como a nossa... não sei não... fica muito difícil saber. Porque ninguém escreveu nada. A história só passou da boca de um para o ouvido do outro, daí ficou na memória, daí saiu pela boca para outra cabeça. E às vezes quem conta também muda um pouquinho. Se um dia vocês ouvirem este caso de outro jeito, já podem ir sabendo que a culpa não é minha. É do tal Tirano. Desde que ele proibiu tudo, não se podia ter mais papel escrito, nem desenho, nem cantiga, nem música, nem dança que contasse nada. Por isso, uns se esqueceram de tudo. Outros confundiram tudo. E, se não fosse pelas três crianças, nem sei o que aconteceria...

Mas já estou falando de coisas lá do meio da história, antes de começar pelo começo. É porque não podia começar assim: "Há muitos e muitos anos, num reino muito longe daqui..."

Então vou começar de outro jeito. Com "Era uma vez". Lá vai.

Era uma vez um reino. Ou uma república. Essa é uma das coisas que não deu para saber direito. Mas não tem muita importância. O importante é saber que era uma vez um país muito alegre e divertido, em que as pessoas davam muito palpite no jeito que queriam viver, mas também não esquentavam muito a cabeça com isso. Quem mandava era escolhido por elas — não sei se era presidente ou primeiro-ministro. Esse negócio de todo mundo dar palpite às vezes ficava parecendo uma bagunça completa, porque todos queriam falar ao mesmo tempo, cada qual gritava mais do que o outro, às vezes até discutiam e brigavam, não era possível ficar sempre em ordem e tranquilidade. Mas no fim acabava dando certo. Era assim: quando tinha mais gente querendo uma coisa, era essa coisa que acabava sendo feita. E quem não estava de acordo podia chorar, resmungar, reclamar, fazer bico, chiar, gritar, espernear, mas no fundo sabia que não tinha mesmo muito jeito, a não ser convencer um monte de gente para passar para o seu lado. Era assim mesmo. Mas que de vez em quando toda essa onda e bate-boca pareciam uma bagunça, lá isso pareciam.

Era uma vez um tirano

Ana Maria Machado

Foi por isso que apareceu o Tirano. Ou Déspota. Ou Ditador, tem muitos nomes. Quer dizer, um homem que não perguntou ao pessoal se podia ser presidente ou primeiro-ministro, expulsou quem tinha sido escolhido pela maioria e desandou a dar ordens e mandar em todo mundo, só porque era o mais forte. No começo, houve até quem ficasse satisfeito com ele, pensando que estava dando um jeito na tal bagunça e que agora as pessoas iam ter ordem para trabalhar em paz. Mas como ele não ouvia palpite dos outros, foi começando a fazer besteira. Primeiro, implicou com isso de cada um ter uma idéia diferente.

— Onde já se viu? Por isso é que fica todo mundo discutindo em vez de trabalhar. É uma perda de tempo...

E lá veio a ordem:

— A partir de hoje, só podem ter as minhas idéias!

É claro que teve gente que protestou:

— Não estou de acordo... Isso é um absurdo!

— Quem que esse cara pensa que é? Será que ele acha que tem o rei na barriga?

Nem faltou um mais curioso sugerindo:

— Podemos abrir a barriga dele e ver...

Não adiantou nada. Agora não tinha mais aquela velha bagunça. Quem não concordou, foi preso. Ou foi expulso do reino. Ou tratou de ir embora antes de ser expulso. Ou ficou bem quietinho, guardou suas idéias bem guardadas no canto mais fundo e escondido da cabeça, e saiu assobiando, disfarçando, fazendo de conta que não tinha nada lá dentro.

Depois, o Tirano implicou com isso de cada um ter cores diferentes:

— Onde já se viu? Por isso é que fica todo mundo descombinando em vez de concordar. Não precisa de vermelho, nem de amarelo, nem de azul, nem nada disso. Pura perda de tempo...

E lá veio outra ordem:

— A partir de hoje, fica proibido ter cores.

Foi difícil, mas todo mundo tinha medo, que jeito? Ficou uma chatice. Tudo igual. As pessoas tiveram que se vestir de cinza. Os edifícios, as ruas, os automóveis foram pintados de cinzento. As árvores foram quase todas derrubadas, acabaram as flores, sumiram os passarinhos e as borboletas. Os jardins foram cimentados, a terra foi asfaltada, as verduras foram enlatadas.

As pessoas reclamavam em voz baixa:

— Assim não é possível! Onde já se viu?

Aliás, *Onde já se viu?* era uma das coisas que mais se perguntava naquele tempo, e naquele lugar, mas ninguém respondia, ninguém lembrava onde já tinha visto, ninguém reconhecia aquela época, como se nunca tivesse existido nada parecido. Onde já se viu? Alguém já soube? Já ouviu falar de coisa semelhante?

Mas tinha gente contente, claro, gente que também não se lembrava de nunca ter visto reino tão bom, tão no bem-bom. Os fabricantes de tinta cinza, de cimento, de asfalto, de latas e de outras novas utilidades esfregavam as mãos, de tanta alegria:

— Oba! Agora que já está tudo em ordem, vamos ficar ricos! Este novo país parece um milagre.

Parecia mesmo. Ou um feitiço. Tudo cinzento, tudo sem discussão, tudo da mesma idéia e da mesma cor.

Quer dizer, tudo, tudo, não... Nunca dava para ser tudo. No peito do Tirano, por exemplo, por cima de seu uniforme cinzento, tinha uma coleção de fitas de várias cores. Atrás de uma ou outra casa, sobrava uma árvore, uma moita. Ou uma flor numa lata velha, pendurada em cima do tanque no

fundo de um quintal. E não havia jeito, por mais que se proibisse, de acabar com o azul do céu nem com o amarelo do Sol. Bem que o Tirano tentou. Mandou que um monte de chaminés e canos de descarga lançassem fumaça e, assim, quase sempre o céu ficava cinza e não se via o sol. Mas, volta e meia, o vento conseguia afastar uma daquelas novas nuvens pesadas e as pessoas viam um pedaço de azul. E sonhavam com momentos felizes ou lembravam momentos gostosos de outros tempos.

Mas em geral, era só um país cinzento e chato. Muito chato. Ainda mais que o Tirano fazia todo mundo trabalhar sem descanso, porque tudo era muito caro, as pessoas ganhavam muito pouco, moravam muito longe do trabalho e os transportes eram muito ruins, em trajetos muitos complicados, para poder demorar muito tempo. Assim, ninguém tinha chance de conversar, de procurar um lugar onde ainda houvesse verde, ou de pensar. Dessa maneira, o Tirano tomava conta de todos, com a certeza de que não havia nenhum perigo de voltar toda aquela bagunça de antes.

Só que às vezes, de noite, mesmo um trabalhador muito cansado não dormia logo. Tinha vontade de sair para procurar um amigo e conversar. De conversa em conversa, as idéias aparecem. E as conversas e idéias são grandes inimigas dos Tiranos. Por isso, o Tirano decretou:

— Esse negócio de ficar fazendo reunião atrapa-lha quem quer trabalhar em paz, prejudica o país. Assim não dá certo. Está proibido.

E então, quem não quisesse cair no sono geral e apagar de uma vez, só podia pensar, lembrar e sonhar. E era isso o que acontecia. Assim, volta e meia, em alguma casa, se via de noite alguém numa janela ou numa varanda, com ar pensativo, aproveitando que nessa hora tinha menos fumaça e se

podia ver as estrelas. Como o Tirano não entendia muito de idéias, ficou achando que a culpa das pessoas terem pensamentos era toda das estrelas. Para falar a verdade, ele já estava mesmo cismando com elas há algum tempo, porque elas tinham a mania de brilhar mais que as estrelinhas de metal que ficavam penduradas no peito dele, logo acima das fitinhas coloridas em sua roupa cinzenta.

E tratou de proibir também:

— A partir de hoje, vamos ter o toque de recolher!

No começo, ninguém sabia bem o que era:

— Toque de recolher? Que é isso?

— Deve ser uma nova música que alguém toca.

— Vai ver, é uma nova dança, em que a gente se toca.

— Ou um jeito novo de colher alguma planta nova, quem sabe...

Sempre ainda tinha alguém capaz de acreditar que alguma idéia do Tirano ia trazer uma novidade para melhorar o reino. Mas quando vinha a explicação a esperança sumia:

— Nada disso. Quer dizer que, assim que escurecer, cada um tem que ir para sua casa, se trancar, e não sair mais até amanhecer. E quem andar de noite pela rua vai preso.

Era isso mesmo. Estavam proibidas as estrelas.

Mas mesmo sem poder ver cores nem estrelas diferentes do uniforme, sem poder se reunir nem ter idéias próprias, algumas coisas as pessoas ainda faziam. Elas cantavam e pensavam.

No começo, cantavam músicas com palavras, coisas que elas mesmas faziam. Mas o Tirano achou que essas palavras eram sempre inventadas para falar mal dele e resolveu acabar com aquelas novas letras:

— É proibido inventar cantigas novas!

Então as pessoas cantavam músicas conhecidas, cantigas bem velhas:

— *Eu sou pobre, pobre, pobre,
de marré, marré, deci...*

E o Tirano achava que elas estavam reclamando da pobreza.

Ou então:

— *Atirei o pau no gato-to
mas o gato-to
não morreu-reu-reu...*

E ele achava que estavam querendo atirar o pau nele e torcendo para que ele morresse. E o berro que ele deu e assustou todo mundo foi assim:

— Parem já com essa cantoria toda!

E num instante proibiu tudo que tivesse alguma invenção, alguma história, alguma idéia. Não sei se nesse tempo tinha filme, mas se tinha, estava proibido. Teatro, também, é claro. Num instante, não podia mais nada. Estava proibido cantar, dançar, tocar, batucar, representar, desenhar, pintar, inventar, escrever, ler, guardar papel escrito.

Assim se passou algum tempo. Até que um dia chegou a vez das crianças. E acabou a vez do Tirano. Deixa eu contar como foi.

Tra uma vez três crianças que moravam nesse país do Tirano. Uma chamava Totonho, outra chamava Jacira, outra chamava Isabel. Elas não se conheciam, mas um dia, por acaso, se encontraram na mesma esquina, distraídas, olhando o céu. De repente, uma folha de árvore veio voando no vento e as três crianças quiseram pegar no mesmo momento. Cada uma estendeu o braço, abriu a mão, e quase se deram um encontrão. Cada uma acabou pegando as outras duas, e ficaram as três rindo na encruzilhada das ruas. Foi gostoso, divertido, cheio de gargalhada. E quem passava, olhava, mas não entendia nada. Onde já se viu, criança rindo tanto no meio da rua, na beira da praça? Em que é que os três podiam estar achando tanta graça? Pra que tanta gargalhada de menino e de menina? Pra que tanto riso grosso e mais tanta risada fina?

Mas os três achavam gostoso e divertido, nem lembravam mais da folha ali perto, esqueceram que ela tinha caído, só reparavam no que tinham descoberto. Viram que as mãos de cada um eram diferentes, que cada um tinha seu jeito e sua cor na face. E isso era lindo, perfeito, não havia Tirano que mudasse. Uma pele era preta, outra era quase rosada, e a outra era cor de cobre, meio dourada. Os olhos eram de diversos tamanhos e de várias cores: pretos, azuis, castanhos. E os três tinham cabelos lindos, de jeitos variados: lisos, cheios de ondas, encaracolados.

— *Que brilho bonito!*

— *Que linda essa cor!*

— *Teu cabelo é um amor...*

Mas o sorriso era o mesmo, alegre, aberto, sorriso gostoso de quem encontrou um amigo correto.

Com esse encontro, é claro, começaram a se descobrir, a conversar, a se divertir e a brincar. Na ho-

ra de ir embora, Isabel propôs:

— *Vamos nos encontrar de novo amanhã?*

— *Claro* — disse Jacira. — *Acho que hoje foi melhor dia de minha vida. Eu nunca tinha brincado com ninguém.*

— *Nem eu* — garantiu Totonho. — *E ache ótimo. Quero ver vocês todo dia.*

E foi isso mesmo que eles passaram a fazer. Brincavam, corriam, davam muita risada. E conversavam, conversavam e conversavam.

De conversa em conversa, já se sabe, começaram a ter idéias:

— *Não sei como é que a gente conseguia viver nesse lugar tão chato, antes, sem reparar em nada.*

— *O lugar ainda é chato, olha só, tudo cinzento, um horror.*

— *A gente podia dar um jeito de mudar isso.*

— *É... Mas como?*

— *Sei lá... Ficando amigo dos outros, conversando, que nem aconteceu com a gente.*

— *É mesmo. E brincando muito.*

Cada um voltou para casa e conversou com quem foi encontrando. Com os irmãos e os pais, os avós e os primos. Foram ouvindo muita reclamação, muito resmungo, parecia que ninguém mesmo estava feliz, ninguém gostava do jeito daquele país. Mas foram também descobrindo que cada cabeça tinha uma idéia, uma lembrança, uma proposta.

— *Eu sei onde tem um vidro com todas as cores guardadas dentro. É só botar na luz que elas saem* — dizia um.

— *Quando eu era pequeno, vi minha mãe fazendo tintas para tingir pano. Eu acho que ainda sei* — lembrava outro.

— *Lá no porão, eu tenho uns livros guardados* — segredava outro, misterioso.

— *Se eu quiser, posso acabar com a escuridão* — gabava-se outro, todo orgulhoso.

— *Ouçá bem isto aqui* — anunciava alguém.

— *Tem uns segredos que eu posso ensinar* — prometia um mais velho.

— *Lembra daquela música que a gente cantava quando era criança?* — convidava um animadinho.

— *Experimente só...* — tentava um corajoso.

— *Vamos fabricar estrelas?* — propunha um sonhador.

Só essa conversa toda já parecia uma festa. Mas na verdade, a festa ainda ia começar. Com tanta conversa, tanta idéia e tanta proposta, começou também uma trabalhadeira. Toda casa tinha alguém aprontando alguma coisa num canto, escondido num armário, trancado num quarto, fechado num porão ou numa garagem.

Até que finalmente, num dia em que houve sol aparecendo por trás da fumaçeira e da nuvem cinza, todo mundo foi saindo de casa, devagarzinho, disfarçado, assim como quem não quer nada, parando tudo o que estivesse fazendo, interrompendo o trabalho e indo para o mesmo lugar: a frente do palácio do Tirano. Logo, logo, ele apareceu muito espantado:

— Que é isso aí? Que bagunça é essa? Vão já trabalhar...

Quem respondeu foi Jacira, que estava na frente de todo mundo:

— Viemos só mostrar uma coisa bonita.

Pôs a mão no bolso do uniforme e tirou de lá de dentro um arco-íris. Quer dizer, ainda não estava prontinho. Era só um pedaço de cristal que a avó tinha dado para ela, um vidro com todas as cores dormindo dentro dele. Mas quando o sol bateu no cristal, foi acordando o colorido que começou a brotar dali de dentro. E antes que passasse o susto do Tirano, no meio de todo aquele vermelho-laranja-amarelo-verde-azul-anil-violeta, Jacira foi tirando o uniforme cinzento, igual ao de todo mundo. E embaixo estava linda, pintada com urucum e jenipapo, enfeitada com penas de arara e periquito, de tucano e japu, de saurá e anambé, que os avós tinham guardado esse tempo todo, num segredo bem escondido. E o res-

to da família distribuía para todos as tintas que as fábricas não fabricavam, mas que nos cantos do mato se guardavam. O roxo das amoras esmagadas e do jamelão pisado. O verde das folhas bem fervidas. O amarelo de raízes amassadas.

O vermelho de insetos aquecidos. E cada um ia pintando as roupas, os muros, as paredes, as janelas, tudo o que encontrava pela frente, a cidade ia ficando colorida, com muito brilho diferente.

Quando foi vendo isso, o Tirano ficou furioso, começou a dar ordens e a gritar:

— Parem com isso já! Guardas! Venham logo! Acabem com esta bagunça!

Mas estava ficando muito complicado. Os guardas nem conseguiam escutar. É que também estava vindo um barulhão da praça, nem dava para ouvir o Tirano, por mais que ele berrasse.

Desta vez era Totonho, que tinha começado a parte dele, lá do outro lado. Com talo de folha de mamoeiro, ou então com bambu, tinha feito muitas flautas, junto com os tios e primos. Agora, todos distribuía os instrumentos pelo meio do pessoal. E ensinavam:

— Assopre aqui.

— Olhe só, é só sacudir...

— Bata aqui assim, ó...

É que não tinha só flauta. Também distribuía tampas de panelas; latas, cestas e cabaças cheias de conchas, arroz, sementes variadas; caixas de fósforos; garfos e frigideiras... Enfim, tudo o que des-se para soprar, tocar, batucar e fazer música. Quem não tinha algum instrumento, num instante inventava. Batia palmas. Assoviava. Estalava os dedos. Marcava o ritmo com o pé no chão. E quando todos estavam animados tocando e cantando, Totonho começou um novo jeito de tirar uma canção de seu corpo: todo ele gingava e balançava bonito, numa dança que ia danço em todo mundo a vontade de dançar também, de sacudir as cadeiras e os ombros, de mexer os braços para cá e para lá, de deslizar os pés no chão e de saltitar inteiro.

O Tirano ficou mais furioso ainda. Gritou o mais alto que conseguiu:

— Isto é proibido! Todos vão ser castigados! Parem imediatamente!

Não adiantou nada o berreiro dele. Ninguém ouvia nada, ninguém prestava atenção em coisa nenhuma que não fosse a festa linda, as cores se espalhando, a música chamando, o corpo se alegrando. Mas ele pensou:

— Não faz mal. Essa bagunça dura pouco. Daqui a pouco escurece e, com o toque de recolher, acaba tudo.

Só que ele não contava com Isabel, nem com o avô dela, que tinha sido um verdadeiro fabricante de estrelas e agora ensinava para a neta todos os truques. Eles também estavam só esperando escurecer.

Quando finalmente a noite chegou, quando nenhum raio de sol podia mais acordar o arco-íris, a beleza ficou diferente. Começou a chover ao contrário. Uma chuva de luz, que primeiro subia para o céu e só então se derramava toda esparramada, iluminando, escorrendo e piscando. Formava flores, fontes, corria feito cobrinha, girava co-

mo ventarola, multiplicava tantas estrelas nos brilhos lá do alto que quem olhava para cima só conseguia dizer:

— Ahhhhhh!

Ou então:

— Ohhhhhhhh!

De pé, pescoço esticado; quem estava na praça ia apreciando aquela beleza toda que clareava de estrelas as cabeças bem levantadas. Era uma festa completa, todo mundo gritando, rindo, brincando, dançando, se divertindo, na maior alegria.

O Tirano ainda tentou reclamar:

— Mas que história é esta?

Desta vez deu para alguém ouvir. E Isabel tratou de responder:

— Artes do vovô... Ele disse que estamos descobrindo a pólvora.

— Pólvora? — ainda se espantou o Tirano.

— Isso mesmo, pólvora. Fogos. Dá para fazer foguetório de estrela em festa. Mas dá também para fazer raios de tiroteio em gente que não presta.

Por via das dúvidas, diante disso o Tirano achou melhor aproveitar a escuridão da noite e sumir. Parece até que trocou a roupa cinzenta, cheia de fitinhas e estrelas. As cores e os brilhos do país em festa estavam fortes demais para ele. Nunca mais foi visto por lá.

Dizem que vive percorrendo outras terras, procurando um canto para outra vez tyrannizar. Por isso, é bom ter olho vivo, e não deixar ele tomar conta da nossa. Mesmo porque pode ser até que agora ele esteja mais esperto.

E aí, fica muito difícil se livrar de um Tirano só com um arco-íris no bolso, uma canção no corpo e uma chuvarada de estrelas.

Memórias de Emília- Monteiro Lobato

MEMÓRIAS DA EMÍLIA

Monteiro Lobato

Emília resolve escrever
suas Memórias.

As dificuldades
do começo.

Tanto Emília falava em "Minhas Memórias" que uma vez Dona Benta perguntou:

— Mas, afinal de contas, bobinha, que é que você entende por memórias?

— Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte.

— Nesse caso — caçou Dona Benta — uma pessoa só pode escrever memórias depois que morre...

— Espere — disse Emília. — O escritor de memórias vai escrevendo, até sentir que o dia da morte vem vindo. Então pára; deixa o finalzinho sem acabar. Morre sossegado.

— E as suas memórias vão ser assim?

— Não, porque não pretendo morrer. Finjo que morro, só. As últimas palavras têm de ser estas: "E então morri..." com reticências. Mas é peta. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para

que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas Memórias. Tudo mais verdade pura, da dura — ali na batata, como diz Pedrinho.

Dona Benta sorriu.

— Verdade pura! Nada mais difícil do que a verdade, Emília.

— Bem sei — disse a boneca. — Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura.

Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas.

— Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era a verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: "Que é a verdade?" êle, que era Cristo, achou melhor calar-se. Não deu resposta.

Memórias de Emília- Monteiro Lobato

— Pois eu sei! — gritou Emília. — Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.

Dona Benta calou-se, a refletir naquela definição, e Emília, no maior assanhamento, correu em busca do Visconde de Sabugosa. Como não gostasse de escrever com a sua mãozinha, queria escrever com a mão do Visconde.

— Visconde — disse ela — venha ser meu secretário. Veja papel, pena e tinta. Vou começar as minhas Memórias.

O sabuguinho científico sorriu.

— Memórias! Pois então uma criatura que viveu tão pouco já tem coisas para contar num livro de memórias? Isso é para gente velha, já perto do fim da vida.

— Faça o que eu mando e não discuta. Veja papel, pena e tinta.

O Visconde trouxe papel, pena e tinta. Sentou-se. Emília preparou-se para ditar. Tossiu. Cuspiu e engasgou. Não sabia como começar — e para ganhar tempo veio com exigências.

— Esse papel não serve, Senhor Visconde. Quero papel cor do céu com todas as suas estrelinhas. Também a tinta não serve. Quero tinta cor do mar com todos os seus peixinhos. E quero pena de pato, com todos os seus patinhos.

O Visconde ergueu os olhos para o teto, resignado. Depois falou; fez-lhe ver que tais exigências eram absurdas; que ali no sítio de Dona Benta não havia patos, nem o tal papel, nem a tal tinta.

— Então não escrevo! — disse Emília.

— Sua alma, sua palma — murmurou o Visconde. — Se não escrever, melhor para mim. É boal...

Emília, afinal, concordou em escrever as memórias naquele papel da casa, com pena comum e tinta de Dona Benta. Mas jurou que havia de imprimi-las em papel cor do céu, tinta cor do mar e pena de pato.

O Visconde disparou na gargalhada.

— Imprimir com pena de pato! É boal... Imprime-se com tipos, não com penas.

— Pois seja — tornou Emília. — Imprimirei com tipos de pato.

O Visconde ergueu novamente os olhos para o forro, suspirando.

Estavam os dois fechados no quarto dos badulaques. Servia de mesa um caixãozinho, e de cadeira um tijolo. Emília passeava de um lado para outro, de mãos às costas. Ia ditar.

— Vamos! — disse ela depois de ver tudo pronto. — Escreva bem no alto do papel: Memórias da Marquesa de Rabi-có. Em letras bem graúdas.

O Visconde escreveu:

Memórias de Emília- Monteiro Lobato

MEMÓRIAS DA MARQUESA DE RABICÓ

— Agora escreva: *Capítulo Primeiro*.
O Visconde escreveu e ficou à espera do resto.

Emília, de testinha franzida, não sabia como começar.

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas começar é terrível. Emília pensou, pensou, e por fim disse:

— Bote um ponto de interrogação; ou, antes, bote vários pontos de interrogação. Bote seis...

O Visconde abriu a boca.

— Vamos, Visconde. Bote aí seis pontos de interrogação — insistiu a boneca. — Não vê que estou indecisa interrogando-me a mim mesma?

E foi assim que as "Memórias da Marquesa de Rabicó" principiaram dum modo absolutamente imprevisto:

Capítulo Primeiro ? ? ? ? ? ? ?

Emília contou os pontos e achou sete.

— Corte um — ordenou.

O Visconde deu um suspiro e riscou o último ponto, deixando só os seis encomendados.

— Bem — disse Emília. — Agora ponha um... um... um...

O Visconde escreveu três uns, assim: 1, 1, 1.

Emília danou.

— Pedacinho *dasno!* Não mandei escrever nada. Eu ainda estava pensando. Eu ia dizer que escrevesse um ponto final depois dos seis de interrogação.

O Visconde começou a assoprar e a abanar-se. Por fim disse:

— Sabe que mais, Emília? O melhor é você ficar sozinha aqui até resolver definitivamente o que quer que eu escreva. Quando tiver assentado, então me chame. Do contrário a coisa não vai.

— É que o começo é difícil, Visconde. Há tantos caminhos que não sei qual escolher. Posso começar de mil modos. Sua idéia qual é?

— Minha idéia — disse o Visconde — é que comece como quase todos os livros de memórias começam — contando quem está escrevendo, quando nasceu, em que cidade etc. *As Aventuras de Robinson Crusoe*, por exemplo, começam assim: "Nasci no ano de 1632, na cidade de Iorque, filho de gente arranjada, etc."

— Ótimo! — exclamou Emília. — Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...

— Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade?

— Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira. Continue escrevendo: E nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas numa cheirosa flor côr de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros.

— Diga logo macela que todos entendem.

— Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e fiquei no mundo feito uma boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora, como pés de caixeirinho de venda. Sabe, Visconde, porque eles têm os pés abertos para fora?

— Há de ser da raça — respondeu o Visconde.

— Raça, nada. É o hábito de ficarem desde muito crianças grudados ao balcão vendendo coisas. Têm de abrir os pés para melhor se encostarem no balcão, e acabam ficando com os pés abertos para fora. Eu era assim. Depois fui melhorando. Hoje piso para dentro. Também fui melhorando no resto. Tia Nastácia foi me consertando, e Narizinho também.

Memórias de Emília-Monteiro Lobato

Mas nasci muda como os peixes. Um dia aprendi a falar.

— Sei como foi a história — disse o Visconde. — Você engoliu uma falinha de papagaio.

— Está errado! Narizinho teve dó do papagaio e não deixou que o matassem para tirar a falinha. Fiquei falante com uma pílula que o célebre Doutor Caramujo me deu. Narizinho conta que a pílula era muito forte de modo que fiquei falando demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram de tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível.

— Tenha paciência, Emília — disse o Visconde. — Ficou muito acima do nível, porque a verdade é que você ainda hoje fala mais do que qualquer mulherzinha.

— Mas não falo pelos cotovelos, como elas. Só pela boca. E falo bem. Sei dizer coisas engraçadas e até filosóficas. Inda há pouco Dona Benta declarou que eu tenho coisas de verdadeiro filósofo. Sabe o que é filósofo, Visconde?

O Visconde sabia, mas fingiu não saber. A boneca explicou:

— É um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando. Cada vez que digo uma coisa filosófica, o olho de Dona Benta fica parado e ela pensa, pensa...

— Ficam pensando o que, Emília?

— Pensando que entenderam.

O Visconde enrugou a testinha e ficou-se uns instantes de olho parado, pensando, pensando. Aquela explicação era positivamente filosófica.

— E como sou filósofa — continuou Emília — quero que minhas Memórias comecem com a minha filosofia da vida.

— Cuidado, Marquesa! Mil sábios já tentaram explicar a vida e se estrepavam.

— Pois eu não me estreparei. A vida, Senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem pára de piscar, chegou ao fim,

morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos — viver é isso. É um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais. É portanto um pisca-pisca.

O Visconde ficou novamente pensativo, de olhos no teto.

Emília riu-se.

— Está vendo como é filosófica a minha idéia? O Senhor Visconde já está de olhos parados, erguidos para o torro. Quer dizer que pensa que entendeu... A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre.

— E depois que morre? — perguntou o Visconde.

— Depois que morre vira hipótese. É ou não é?

O Visconde teve de concordar que era.

II

O Visconde começa a trabalhar para Emília.

Estória do anjinho de asa quebrada.

Nesse ponto um urro veio distrair-lhes a atenção. Era Quindim, chamando Emília para uma prosa.

— Escute, Visconde — disse ela. — Tenho coisas muito importantes a conversar com Quindim. Fique escrevendo. Vá escrevendo. Faça de conta que estou ditando. Conte as coisas que aconteceram no sítio e ainda não estão nos livros.

— A estória do anjinho de asa quebrada serve? — indagou o Visconde.

— Ótimo! Ninguém lá fora sabe o que aconteceu por aqui com o anjinho que caí na Via-Látea. Conte isso e mais ou-

Memórias de Emília- Monteiro Lobato

Antes de pingar o ponto final quero que saibam que é uma grande mentira o que anda escrito a respeito do meu coração. Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho, sim, um lindo coração — só que não é de banana. Coisinhas à-toa não o impressionam; mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal deste mundo é a injustiça.

Quando vejo certas mães baterem nos filhinhos, meu coração dói. Quando vejo trancarem na cadeia um homem inocente, meu coração dói. Quando ouvi Dona Benta contar a estória de D. Quixote, meu coração doeu várias vezes, porque aquele homem ficou louco apenas por excesso de bondade. O que ele queria era fazer o bem para os homens, castigar os maus, defender os inocentes. Resultado: pau, pau e mais pau no lombo dele. Ninguém levou tanta pancadaria como o pobre cavaleiro andante — e estou vendo que é isso que acontece a todos os bons. Ninguém os compreende. Quantos homens não padecem nas cadeias do mundo só porque quiseram melhorar a sorte da humanidade? Aquele Jesus Cristo que Dona Benta tem no oratório, pregado numa cruz, foi um. Os homens do seu tempo que só cuidavam de si, esses viveram ricos e felizes. Mas Cristo quis salvar a humanidade e que aconteceu? Não salvou coisa nenhuma e teve de agüentar o maior dos martírios.

Quando falo assim, Narizinho me chama de "filósofa" e ri-se. Não sei se é filosofia ou não. Só sei que é como sinto e penso e digo.

Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento...

X Por isso acho que o único lugar do mundo onde há paz e felicidade é no sí-

tio de Dona Benta. Tudo aqui corre como num sonho. A criançada só cuida de duas coisas: brincar e aprender. As duas velhas só cuidam de nos ensinar o que sabem e de ver que tudo ande a hora e tempo. Quindim só quer saber de capim e de recordar os tempos atormentados que passou no Uganda, em lutas constantes com as feras e os homens caçadores. Se ele escrevesse memórias, juro que seriam mil vezes mais interessantes que as minhas.

A vaca Mocha também vive bem quieta no seu pasto e na cocheira, onde nunca lhe faltam boas paihas de milho. Vai tendo seus bezerinhos e vai dando leite para todos nós. Leite como o dela não há no mundo. A Mocha capricha.

O burro falante está bem velho, coitado. É do tempo de La Fontaine, aquele homem que passeava no País das Fábulas, tomando nota do que ouvia aos animais para escrever livros. Está tão velho e filosófico que só Dona Benta o compreende bem. Conversa altas filosofias.

Rabicó, esse não vale nada. A gula o perdeu. Não sendo coisa de comer, não se interessa por nada mais no mundo. Nem vale a pena falar nele.

Os outros personagens do sítio são inanimados, embora excelentes pessoas. Existe aquele João Faz-de-conta que por uns tempos foi animado, falou, agiu e soube portar-se tão heroicamente nas nossas aventuras com Capinha Vermelha. Mas quebrou-se por dentro e emudeceu. Ficou um pedaço de pau à-toa.

Entre os personagens inanimados gosto muito da porteira e da pitangueira.

A porteira só sabe fazer uma coisa: abrir-se e fechar-se. Para abrir-se espera que as pessoas animadas a ajudem. Abre-se, a pessoa animada passa e ela fecha-se por si mesma, com o peso, fazendo *nhem, nhem*. Boa pessoa. Dali não vem mal ao mundo.

A pitangueira, essa é importante. Está enorme. Bate em altura todas as árvores do pomar, exceto a figueira do oco, e tem

Memórias de Emília- Monteiro Lobato

casca sem nenhum musgo, lisa. Cada ano se enche de pitangas, das bem doces, divididas em gomos. Não gomos como os de laranja, separados uns dos outros; os gomos das pitangas são apenas para enfeite, grudadinhos. É outra excelente pessoa, donde também não vem mal ao mundo.

Considero todas as árvores do pomar como excelentes criaturas. Não falam, não saem do seu lugarzinho, não se intrometem na vida alheia, só tratam de preparar as flores e as frutas de todos os anos. Cada qual fabrica uma qualidade de fruta — e é o que mais admiro, visto que a terra do pomar é a mesma para todas. Apesar disso, uma faz laranjas de umbigo, outras fazem laranjas tangerinas, ou limas, e há até as que fazem os tais limões azedíssimos, que tia Nastácia corta em rodela para enfeitar os leitões assados.

A que eu acho mais interessante é a jabuticabeira. Enorme e com uma copa da bem redondinha em cima. As folhas, muito juntas, não deixam atravessar o menor raio de sol. Quando chega certo mês, os seus galhos cobrem-se de botõezinhos brancos, que vão engrossando e se abrem em pequenas flores. Depois as flores secam e caem e ficam umas bolotinhas verdes do tamanho de grãos de chumbo. Esse chumbinho verde vai crescendo até ficar aí do tamanho duma noz. Começam então a mudar de cor. Perdem o verde, ficam pretas como tia Nastácia.

Ah, que festa é aqui no sítio quando as jabuticabas pretejam! Narizinho, Pedrinho e Rabião mudam-se para debaixo da jabuticabeira. Mas essas frutas duram pouco. Duas semanas no máximo. Quando acabam, é preciso que a gente espere mais um ano para virem outras.

Cada árvore dá a sua fruta; mas sombra todas dão da mesma qualidade. Que coisa gostosa uma sombra! Nos dias quentes é na sombra da jabuticabeira que nos reunimos para ouvir as histórias e lições

de Dona Benta.

Tenho de dizer umas palavras sobre esta senhora. Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas, a diaba! De tanto ler aqueles livros lá do quarto, ficou que até brincando bate o Visconde em ciência.

Tia Nastácia, essa é a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia. Para um tempero de lombo, um frango assado, um bolinho, para curar uma cortadura, para remendar meu pé quando a macela está fugindo, para lavar e passar roupa — para as mil coisas de todos os dias, é uma danada!

Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos — mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos. Só não compreendo por que Deus faz uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão. É verdade que as jabuticabas, as amoras, os maracujás também são pretos. Isso me leva a crer que a tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo. Lá em cima não há essas diferenças de cor. Se houvesse, como havia de ser preta a jabuticaba, que para mim é a rainha das frutas?

Narizinho eu quero muito bem, porque é uma espécie de minha mãe. Brigamos bastante, é verdade, e ela implica deveras comigo quando "me excedo." Mas já vi que briga é prova de amor.

Quem não ama não briga. Gosto dela no fundo do coração, e não admito que haja outra menina que a valha. Nem Alice. Nem Capinha Vermelha. Para mim, a primeira menina do mundo é Narizinho.

E Pedrinho? Um excelente rapaz. Muito sério, de muita confiança, menino de

Memórias de Emília- Monteiro Lobato

palavras. Também temos brigado bastante, e havemos de brigar ainda; mas que ele é um menino que vale a pena, isso é. E bem valente. Só que ficou um pouco prosa demais depois da surra que deu no Popeye, esquecido de que se não fosse eu, com a minha idéia da couve, quem levava a surra era ele, e das grandes. Mas eu perdôo essas coisinhas. Peter Pan também era gabola e vaidoso — e Wendy lhe perdoava o defeito.

Bom. Vou acabar com estas Memórias. Já contei tudo quanto sabia: já disse vá-

rias asneiras, já dei minhas opiniões filosóficas sobre o mundo e as minhas impressões sobre o pessoal aqui da casa. Resta agora despedir-me do respeitável público.

Respeitável público, até logo. Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi. Se gostaram delas muito bem. Se não gostaram, pênhas! Tenho dito.

EMÍLIA, *Marquesa de Rabicó.*

Sítio do Picapau Amarelo,
10 de agosto de 1936.



Alfabeto
José Paulo Paes

O *A* é uma escada
bem aberta, pela qual
se sobe ou se desce

As duas barrigas
do *B* nos ajudam
a escrever "Balofo".

O *C* é uma foice
sem cabo, mas corta. Aliás,
não há "corte" sem *c*.

Embora principio
da palavra "Dedo", o *D*
parece uma unha.

Tem jeito de garfo
a letra *E*, assim no fim
da palavra "Fome".

O *F* deve ir
a um dentista, corrigir
os dentes de cima.

O *G* engoliu
a própria língua. Por isso,
é a letra de "Gago".

O *H*, uma cama
de lado, mas sem nenhum
dorminhoco em cima.

Na orquestra das letras
o *I*, de tão fino, é flauta
ou então flautim.

Nessa mesma orquestra,
do *J*, um trombone, jorra
música também.

O *L* é a única
pema do saci peraLta:
eLe puLa que puLa.

No *M*, o caMelo
tem suas duas corcovas
já no próprio nome.

N, uma porteira
de fazeNda, separando
a casa do pasto.

O *O*, uma bOca
que, num espanto redondo,
diz apenas: Ó!

O *P* é a pema
de pau que o pirata tira
na hora de dormir.

O *Q* era um O
que virou gato: aí está,
de costas, com rabo.

O *R*: um peru,
peito estufado, a passear
pelo galinheiro.

O *S*, a serpente
SinuoSa, ou a minhoca
no chão, eStorcendo-Se.

No alto do Telhado
O *T* é uma antena de
TV que te vê.

O *U*, um buraco
na calçada, que atravesso
num único pUlo.

Asa de gaiivota,
o *V*. Lá vão elas, vejam:
VVVVV.

X, duas espadas
que se cruzam, na semi-
final do alfabeto.

O *Z*, um relâmpago
corta, zás! O céu aZul
antes do trovão.

AS ABELHAS
Vinícius de Moraes

A AAAAAAAbelha mestra
E aaaaaaaas abelhinhas
Estão tooooooodas prontinhas
Pra iiiiiiiir para a festa.

Num zune que zune
Lá vão pro jardim
Brincar com a cravina
Valsar com o jasmim.

Da rosa pro cravo
Do cravo pra rosa
Da rosa pro favo
Volta pro cravo.

Venham ver como dão mel
As Abelhinhas do céu!

PARAÍSO de José Paulo Paes

Se esta rua fosse minha,
Eu mandava ladrilhar,
Não para automóvel matar gente,
Mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,
Eu não deixava derrubar.
Se co tarem todas as árvores,
Onde é que os pássaros vão morar?

Se esta rio fosse meu,
Eu não deixava poluir,
Joguem esgotos noutra parte,
Que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.

NOME É NOME:

José Paulo Paes

1.

Você por acaso conheceu
um contador chamado Romeu?

Toda vez que errava

As contas, gritava

“Erro meu! Erro meu! Erro meu!”

2.

Inesperadamente, a minha tia Inês
Soltou na rua o meu cãozinho pequinês.

Mas foi-lhe perdoado

Esse grave pecado.

O padre só disse: “nunca mais peque, Inês!”

3. Em que estação do ano

Nasceu Vera, a minha prima?

Essa até rima

Não tem engano.

Nasceu na primavera a minha prima Vera.

Televisão

José Paulo Paes

Televisão é uma caixa cheia de imagens que fazem barulho.
Quando os adultos não querem ser incomodados, mandam as
crianças ir assistir televisão.

O que eu gosto mais na televisão são os desenhos animados de bichos.
Bicho imitando gente é muito mais engraçado do que imitando gente, como
nas telenovelas.

Não gosto muito de programas infantis com gente grande fingindo de criança.
Em vez de ficar olhando essa gente brincar de mentira, prefiro ir brincar de
verdade com meus amigos e amigas.

Também dos doces que aparecem anunciados na televisão não têm gosto
de coisa alguma porque ninguém pode comer uma imagem.

Já os doces que minha mãe faz e que eu como todo dia, esse sim, são gostosos.

Conclusão: a vida fora da televisão é melhor do que dentro dela.

A construção do leitor

por Paulo Franchetti

Antes de refletir sobre qual o melhor caminho para ensinar literatura, penso que o melhor seja tentar responder à pergunta "por que ensinar literatura?". E, antes de formular essa pergunta, talvez seja útil pensar em que consiste o processo da leitura.

Quando lemos um romance, por exemplo, nós nos colocamos na posição das personagens, repudiamos ou aprovamos o seu comportamento, nos identificamos ou nos indignamos com suas opções morais e movimentos espirituais. Como no cinema, experimentamos emoções que não nos pertencem originalmente, mas que sentimos até com mais intensidade do que as nossas próprias. Estamos ali mais livres. Olhamos para os dramas, os ridículos, o desespero ou a alegria do triunfo sem um interesse particular.

Usei, para destacar o ponto, uma analogia entre um romance e um filme. Mas há grandes diferenças entre eles, como há entre um poema e uma canção com letra e entre uma peça teatral escrita e suas encenações. Uma das mais evidentes é que o cinema é uma arte combinada; o efeito geral é produzido pela combinação de imagem, palavra, música, ruídos, efeitos visuais. Um romance ou um poema pode talvez produzir emoção, riso e outras respostas afetivas, mas apenas por meio da palavra.

Por depender só da palavra, a literatura tem uma força que as artes combinadas não possuem. Ela abre enorme espaço à projeção do leitor. De fato, tudo depende da sua imaginação: a forma de um rosto, por mais pormenorizadamente descrita, é uma para cada leitor. Assim também o tom da voz de uma personagem, uma paisagem, um ruído de guerra, o som de um grito ou de um encontro amoroso. E a importância disso se comprova quando vemos um filme sobre um livro que nos apaixonara. A concretização do rosto, do traço, a associação com uma voz real é perturbante. Mais ainda a presença de tudo aquilo que não aparece ou se apaga durante a leitura.

Por exemplo, quando lemos a descrição dos olhos de Capitu, não pensamos que ela tem mãos. Nem pés. Não imaginamos que vestido estaria usando, nem somos obrigados a lidar com particularidades como brincos, penteado, maquiagem etc. Não há nada senão as imagens que se juntam para dar ideia daqueles olhos. Mas, quando se filma ou se desenha Capitu com traço realista, todas as coisas não nomeadas no texto do Machado [*de Assis*] (partes do rosto, do corpo, do ambiente) vêm junto com

os olhos, empanam o seu brilho, enfraquecem a sua força, de forma que uma representação pictórica dos olhos de Capitu nunca terá, sobre um leitor de *Dom Casmurro*, impacto semelhante ao dos trechos do romance em que eles são tratados.

Concentremo-nos agora no processo da leitura – na leitura de um romance, por exemplo. O que sucede ali? O leitor por acaso o decifra palavra por palavra? Não, por certo. Ele voa sobre elas, busca ao mesmo tempo o sentido do conjunto e o tom do trecho e do livro. Ele precisa entender se uma passagem é dita em tom irônico. Precisa perceber os sentidos que se formam além dela, pela alusão a eventos históricos, a outros textos, a costumes. E precisa fazer muitas outras operações complexas de interpretação, com base apenas no texto escrito, nas palavras que se sucedem nas páginas. Além de apreciar o ritmo das frases e a justeza ou o inusitado das imagens. Esse leque de capacidades não é trivial. Não é fácil dominar o conjunto complexo de habilidades que permite ao leitor ter pleno acesso ao prazer e à emoção que um bom livro lhe pode dar.

A mais rica fruição da literatura pressupõe ainda um exercício amplo da cultura, naquilo que ela tem de relação com o passado, como continuidade ou ruptura. É o passado que dá sentido ao presente da literatura. Uma obra solta no tempo não tem significação literária, no sentido que damos a essa palavra hoje. Um texto literário faz contínuas referências a outros textos que o precederam, e há alguns em que, sem o conhecimento do texto aludido ou incorporado, o sentido se perde ou, pelo menos, não se apresenta em totalidade.

A literatura é, assim, uma forma de ligação com o passado, uma forma de revivificá-lo. De aprender com ele, mas também uma forma de nos apropriarmos dele. A literatura fala pelo passado e faz o passado falar pelo presente. Ensinar literatura, portanto, em sentido amplo, é criar as condições para que o estudante, o leitor em formação, possa tornar-se ele também um herdeiro desse manancial.

Tornar-se herdeiro significa não só poder compreender, mas poder vivenciar em si mesmo o passado. Isso inclui poder deslocar a sua perspectiva temporal sobre vários assuntos, de modo a compreender que quase nada de "natural" existe no comportamento e nas instituições humanas, que quase tudo é cultural, ou seja, muda ou pode ser mudado. A literatura expõe a historicidade das formas de sensibilidade, convocando o que permanece ainda vivo em nós e o que já não permanece: o que nos rege desde o mundo dos mortos porque ainda é vivo e o que nos rege desde lá sem nenhuma razão para isso.

É certo que uma pessoa pode adquirir os instrumentos necessários para ler literariamente por meio da convivência solitária com os livros, no caso de dispor de acesso a uma biblioteca. Mas como ler literariamente é uma atividade que exige treinamento, referências culturais e repertórios específicos, faz sentido imaginar que a escola forneça meios para o estudante situar-se desde logo no campo literário.

Podemos tentar responder agora à pergunta metodológica que se apresenta, às vezes, com urgência e que foi o gatilho deste texto: deve-se começar o ensino da literatura pelos clássicos ou pelos contemporâneos?

Há quem julgue que pelos contemporâneos, tendo por princípio que se deve começar do mais fácil para o mais difícil. Do que tem mais apelo imediato para o que tem menos. Os que assim pensam acreditam que o essencial é despertar o gosto pela leitura. Entre esses, muitos creem que qualquer forma de leitura é melhor do que nenhuma e por isso não hesitam em usar os *best-sellers*, o livro ainda fresco da gráfica ou mesmo a adaptação cinematográfica, como degrau para a literatura.

Já os que pensam que se deva começar pelos clássicos têm, como argumento, que à escola compete fornecer a maior quantidade de experiências culturais, bem como quadros amplos de referência. Para esses, o gosto pela e na leitura deve ser construído, não apenas despertado. Esta é a posição com que simpatizo mais.

Para a maior parte das pessoas, as demandas do presente podem incentivar a leitura de *best-sellers*, livros de autoajuda ou romances-reportagem. Raramente, ainda mais num ambiente culturalmente pobre, um jovem será exposto à literatura de qualidade que nos é legada do passado recente, quanto mais do passado remoto.

No que toca à literatura, assim, creio que o mais interessante que a escola tem a oferecer é uma experiência da tradição viva, na qual os pontos altos de realização possam ser percebidos como tal; é a formação de um repertório de leituras que permita que o estudante, depois, pela vida afora, possa traçar o seu próprio caminho pelo campo da cultura literária, tornando a literatura, para ele, uma experiência plena e uma fonte de prazer intelectual.

Do meu ponto de vista, a questão não é atrair os jovens para a literatura, mas permitir-lhes o acesso à leitura mais refinada, que só a experiência e o repertório podem propiciar. Um jovem leitor não precisa da escola para ler um *best-seller*. O marketing das grandes editoras o induz a isso. Nem provavelmente para ler um romance contemporâneo sobre tema momentoso. Mas, sem a orientação e o estímulo de um leitor mais experiente, é pouco provável que esse mesmo jovem tenha acesso à beleza dos poemas homéricos, à complexidade da *Divina Comédia*, das tragédias gregas ou do *Quixote* ou de tantas outras obras que forneceram, ao longo dos séculos, padrões de gosto e matéria sempre renovada para novas obras literárias – ou mesmo a textos contemporâneos de maior complexidade ou menos investimento de publicidade.

É claro que, para isso, a escola precisa de livros e, sobretudo, de professores bem formados e que tenham vivência literária ampla e íntima. Sem isso – e, na época da explosão do acesso a textos literários pela internet, sem, sobretudo, professores educados e competentes – não há muito que fazer com a literatura na escola. Mas essa é já outra discussão.

PAULO FRANCHETTI É PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP) E DOUTOR EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP).

Os jovens e a literatura

por Nivaldo de Carvalho

Atrair o interesse dos jovens para a literatura parece cada vez mais difícil numa época dominada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. Os jovens não parecem dispostos a trocar jogos, músicas e vídeos em celulares e computadores por um livro. Por outro lado, o lançamento de vários *best-sellers*, com tradução simultânea em várias línguas, hipnotiza uma legião de jovens leitores em todo o mundo. A contradição entre as duas situações se desfaz, ao se desatar o nó que amarra à força o gosto pela leitura ao prazer pela literatura.

Não há interesse pela literatura que subsista sem o incentivo à leitura, mas nem toda leitura é necessariamente literária. Há jovens que estão acostumados a ler jornais, revistas e livros, mas não apreciam literatura. Assim como saber ler e gostar de ler nem sempre coincidem, o contato com a literatura não garante a formação do gosto pelos textos literários, ainda mais quando isso ocorre sob a forma de imposições curriculares na escola.

Os jovens, depois de oito anos de leituras variadas na escola, são apresentados formalmente à literatura apenas

no início do ensino médio. Esse contato tardio ocorre sob a forma de um estudo sistematizado baseado na história da literatura. Nessa perspectiva, os textos literários figuram apenas como ilustração de uma determinada estética literária situada no tempo. Excertos das obras constam do livro didático e quase sempre dispensam o contato direto com textos integrais e originais dos autores, exceção feita às leituras obrigatórias dos exames vestibulares. Além disso, os exercícios escolares propostos limitam-se à verificação da leitura realizada sem estimular a reflexão sobre os temas abordados pelo autor.

Muitos jovens terão na escola a única oportunidade de entrar em contato com textos de literatura. Mas essa oportu-

tunidade única nem sempre é encarada como uma possibilidade de discussão de valores, de questionamento moral e político e de estímulo à reflexão estética. A opção por um ensino reflexivo exige a leitura direta dos textos, além da seleção de obras e de autores que possam contribuir para a formação do gosto literário dos jovens e para sua avaliação dos produtos culturais consumidos na atualidade.

Um critério bastante utilizado para a seleção dos livros indicados para leitura leva em consideração o gosto dos jovens. A preferência recai quase sempre sobre os últimos lançamentos do mercado editorial, sem uma avaliação mais cuidadosa da qualidade literária dos livros. O perigo desse tipo de escolha não está somente na adequação e submissão ao conformismo e à trivialidade, mas em imobilizar o gosto dos jovens e tratá-los somente como consumidores de banalidades históricas e culturais.

Além desse critério, há a disputa entre autores clássicos e escritores contemporâneos como forma de acesso ao universo literário. Contra os clássicos, invoca-se a ideia de que os jovens têm muita dificuldade para ler textos complexos, considerados chatos e com um vocabulário difícil. Assim, ao invés de prazerosa, a leitura literária torna-se uma penitência interminável. A favor dos contemporâneos, pesam a proximidade da linguagem e atualidade do conteúdo, o que torna a leitura mais agradável e rápida.

Nem todas as obras clássicas são enfadonhas e desestimulantes. Insistir nessa via adia interminavelmente o contato dos jovens com a literatura clássica, privando-os de uma experiência estética insubstituível. Por outro lado, muitos autores contemporâneos são muito difíceis de serem lidos, principalmente os que fazem experimentações com a linguagem. Por isso, a seleção bibliográfica deve equilibrar prazer e desafio, levando em consideração principalmente a qualidade literária das obras e não apenas o seu conteúdo.

A qualidade literária de uma obra não se mede pela época em que foi escrita, mas por critérios estéticos. O texto literário é muito mais do que uma simples história contada por um autor. Há, no discurso literário, além do conteúdo representado pela ação e pelos personagens, a forma ou expressão, os recursos de que dispõe o autor para expor ideias morais, políticas e estéticas, num diálogo crítico com a sua época e com a tradição, visando ao futuro. A literatura ocupa-se não somente do conteúdo, mas principalmente da forma ou expressão.

O discurso literário recria os conteúdos da realidade, conferindo-lhes uma expressão não percebida antes. Portanto, não se trata de realidade reproduzida, mas recriada. O prazer proporcionado pela literatura ultrapassa

o nível do entretenimento ou da diversão, pois é um processo de fruição que consiste em perceber a recriação do mundo por meio de vários recursos estilísticos. Assim, a realidade é transfigurada na literatura através da linguagem. A própria linguagem deixa de ser automática no processo de criação literária e ganha contornos inusitados.

Portanto, o gosto pela literatura não é somente gosto pela leitura, envolve também curiosidade e descoberta. Talvez seja essa a pista a ser explorada com os jovens na leitura dos textos literários. Se a juventude é a época de constituição da futura identidade, um período de turbulência e de conflitos para os jovens, a literatura pode atrair a atenção dos jovens, na medida em que apresenta perspectivas, questionamentos e modos de vida diferenciados.

Mas a escolha das obras literárias deve levar em conta a contribuição delas para a formação do gosto do jovem leitor, não somente em termos morais e políticos, mas principalmente estéticos. A leitura do texto literário deve propiciar aos jovens condições de apropriação gradativa da linguagem literária, tornando-os aptos à leitura de textos cada vez mais complexos e intrincados.

Aprende-se a gostar de literatura não somente na escola, mas também fora dela, nos próprios livros e textos, seja por indicação de amigos, seja pela leitura de uma resenha crítica ou ensaio em jornais e revistas. Embora a época atual não pareça coadunar-se com as exigências da literatura, é preciso marcar essa diferença como forma de lançar um olhar crítico para a realidade do mundo atual e das formas de produção cultural contemporânea. A leitura literária contribui também para que se desconfie de gostos moldados por índices de audiência, listas dos mais vendidos e sucessos de bilheteria. ■

IVALDO DE CARVALHO, ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO
DA ESCOLA VERA CRUZ, É GRADUADO EM FILOSOFIA E
LETRAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

Olha o bolhão Regina S.Ferreira

Plict, ploct, bolha de sabão
Sobe, colorida, tal qual balão,
Desce delicada na minha mão.

Esta maravilha, fui eu que fiz.
Estoura engraçada no meu nariz!
É um sonho bem pequeno e tão feliz.....

.....
Rebenta pipoca Regina S.Ferreira

Rebenta pipoca
Maria sororoca.
Saltando bem louca
Pra dentro da boca.
Rebenta pipoca,
Branquinha e amarela.
Pula que pula,
No fundo da panela.
Quem resiste ao cheirinho dela?

.....
Vento Luis Camargo

O vento venta e inventa mil maneiras de ventar.

Vento fraco,
Venta forte, venta gostoso feito um beijo antes de dormir.

Se enrola feito um gato(ai, que sono!).

De repente acorda e roda feito um rodamoinho.